

A COMPREENSÃO DE METÁFORAS POR PORTADORES DE LESÃO NO HEMISFÉRIO DIREITO: UMA INVESTIGAÇÃO A SER (RE)CONSIDERADA*

Sônia Regina Victorino Fachini**

Resumo: Observações clínicas de pacientes com hemisfério direito lesionado mostram que, apesar de apresentarem preservadas suas habilidades lingüísticas, eles possuem preferências em assinalar as interpretações literais, rejeitando as implicações metafóricas. Este artigo apresenta o resultado de um estudo empírico realizado com sujeitos destros normais e sujeitos destros portadores de lesão no hemisfério direito, em específico na artéria média cerebral, em três tarefas de compreensão de metáforas. Os dados colhidos revelaram algumas tendências divergentes da literatura, pois não foram encontradas diferenças significativas entre as duas populações testadas.

Palavras-chave: processamento cognitivo; metáfora; sentido metafórico; hemisfério direito.

1 INTRODUÇÃO

Adultos com hemisfério direito lesionado têm sido apontados pela literatura como sujeitos que têm poucas dificuldades em compreender discursos óbvios, nos quais as exigências cognitivas são minimizadas, ou quando o processamento inferencial é direto ou, ainda, quando a integração pode prosseguir sem revisão (BROWNELL; MARTINO, 1998; JOANETTE; GOULET; HANNEQUIN, 1990). Quando, porém, a compreensão exige a consideração de pistas textuais que levam a

* Este artigo apresenta um recorte dos resultados da minha dissertação de mestrado intitulada “Processamento de metáforas e hemisfério direito: uma interação semântica e cognitiva”.

**Professora do Instituto Superior Tupy (IST), Joinville, SC, Brasil. Mestre em Lingüística. E-mail: <soniafachini@ig.com.br>.

múltiplas ou concorrentes interpretações, seu desempenho é insatisfatório.

Os estudos originais, que reportam o prejuízo na compreensão metafórica dos pacientes com hemisfério direito lesionado, têm sido amplamente criticados pelas falhas metodológicas que apresentam (JOANETTE; GOULET; HANNEQUIN, 1990). De fato, em sua maioria, eles parecem não avaliar os déficits perceptuais, característicos desses pacientes, bem como uma análise mais detalhada de suas habilidades lingüísticas.

Divergências dos resultados encontrados pelos pesquisadores permitem um questionamento dos estudos que afirmam a existência de déficit relacionado à compreensão da linguagem figurada por sujeitos portadores de lesão no hemisfério direito. Portanto, torna-se imprescindível a realização de pesquisas que possam investigar os paradigmas contrastivos apresentados pela literatura existente.

O presente artigo visa apresentar os resultados de um estudo empírico realizado com sujeitos destros normais e sujeitos destros com lesão no hemisfério direito em tarefas de compreensão de metáforas. O objeto de investigação do estudo era verificar o desempenho dos sujeitos testados frente à interpretação de frases metafóricas, visto que a literatura aponta um déficit significativo dos sujeitos portadores de lesão no hemisfério direito. Como objetivos específicos tinham-se: (i) verificar se os sujeitos portadores de lesão no hemisfério direito não interpretavam metáforas; (ii) fazer uma abordagem descritiva e exploratória em cima da seguinte questão: Portadores de lesão no hemisfério direito e sujeitos normais apresentam diferenças de desempenho na realização de tarefas que envolvem compreensão de metáfora?

Por último, serão apresentadas as conclusões resultantes da análise dos dados dos testes aplicados.

2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A presente investigação centra-se na análise da interpretação de frases com metáforas por sujeitos com lesão no hemisfério direito comparados a uma população normal. Observando a literatura existente, constatou-se que a maior parte dos trabalhos que envolvem

processamento de metáforas e hemisfério direito refere-se ao processamento de significado metafórico em nível de palavras. Raros são os trabalhos que se dedicam ao processamento de metáfora frasal (WINNER; GARDNER, 1977; BOTTINI *et al.*, 1994).

Winner e Gardner (1977) foram praticamente os primeiros a investigar a compreensão de metáforas por sujeitos com cérebro danificado, utilizando o paradigma da união entre sentenças e gravuras. Esses pesquisadores encontraram uma dissociação entre as condições pictórica e verbal nos pacientes com hemisfério direito lesionado. Esses pacientes interpretavam as metáforas de maneira literal quando o teste envolvia tarefa pictórica, mas, quando eram solicitados a explicá-las verbalmente, eles as interpretavam corretamente. Rinaldi, Marangolo e Baldassarri (2002) realizaram estudo semelhante, cruzando os mesmos estímulos, mas com sujeitos com lesão no hemisfério direito comparados a um grupo de sujeitos saudáveis. Os resultados obtidos pelas pesquisadoras corroboraram os de Winner e Gardner (1977).

Gardner e Denes (1973), numa tarefa similar, verificaram que pacientes afásicos com lesão no hemisfério esquerdo apresentaram melhor desempenho no cruzamento de palavras, tais como *wealth*, com a representação pictórica conotativa de uma flecha apontada para cima ou para baixo, do que os pacientes com lesão no hemisfério direito. Van Lancker e Kempler (1987), na comparação das habilidades relacionadas à linguagem entre pacientes com hemisfério direito e hemisfério esquerdo lesionado, encontraram um bom desempenho de ambos os grupos na compreensão de palavras isoladas e também observaram que os pacientes com hemisfério direito lesionado compreendiam melhor novas sentenças, enquanto os de hemisfério esquerdo lesionado, as frases idiomáticas familiares.

Visto que os pacientes de hemisfério esquerdo lesionado tendem a ter problemas de linguagem mais perceptivos e têm melhor desempenho nas tarefas de compreensão da linguagem figurativa do que os pacientes com hemisfério direito lesionado, costuma-se atribuir um papel especial ao hemisfério direito na compreensão da linguagem figurada. Uma possível razão para a superioridade do hemisfério esquerdo lesionado na realização dessas tarefas mencionadas, entretanto, é a de que elas envolviam a união de frases com gravuras. Enquanto as gravuras possivelmente serviam como informação adicional aos pacientes de

hemisfério esquerdo lesionado, elas apresentavam complicação aos pacientes de hemisfério direito lesionado, visto que a maior parte deles tinha déficit visual-espacial. Estes pacientes, no entanto, também mostraram problemas com significados metafóricos nos paradigmas puramente verbais.

Brownell *et al.* (1984, 1990), utilizando o paradigma de tríades de palavras, por exemplo: *cold – hateful – warm*, pediam aos participantes para unir as palavras que tinham o mesmo significado ou que melhor ficassem juntas. Relações semânticas entre as palavras foram baseadas nas relações denotativas (ex: antônimos *cold* e *warm*), conotativas (*cold* e *foolish*), metafóricas (*cold – hateful*) ou não relacionadas (*cold* e *wise*). O desempenho dos pacientes com hemisfério direito lesionado apresentou-se normal quanto ao uso de associação de antônimos, mas menos que o normal para a equivalência metafórica.

O oposto aconteceu com os pacientes de hemisfério esquerdo lesionado. Uma possível explicação para esse tipo de déficit pode estar na dificuldade de reconhecer e atribuir as acepções menos frequentes das palavras ambíguas, mais do que o reconhecimento dos significados metafóricos em si. Em conformidade com esse raciocínio, Gagnon *et al.* (2003) testaram adjetivos metafóricos e não metafóricos, mas ambíguos. Aplicaram dois testes, utilizando uma tarefa tríade e outra dual. Na primeira, os participantes deveriam identificar quais apresentavam o significado mais similar e, na segunda, a plausibilidade em relação às duas palavras. Em relação ao grupo normal, tanto os de hemisfério direito quanto os de hemisfério esquerdo lesionado apresentaram dificuldades na realização das tarefas.

Tompkins *et al.* (2000) realizaram um estudo com o objetivo de verificar se sujeitos com lesão no hemisfério direito apresentavam resultados insatisfatórios na compreensão de metáforas devido a uma baixa proficiência no mecanismo de supressão. Isto é, em razão de uma falha na inibição da ativação mental dos significados irrelevantes ou inapropriados para a interpretação final. Para isso, desenvolveram um instrumento em que quarenta sujeitos com lesão no hemisfério direito e quarenta sem lesão alguma ouviam frases-estímulo com léxicos ambíguos, que apareciam ao final da frase, e então julgavam se a palavra *probe* se ajustava ou não ao significado da sentença. Os resultados desse

estudo sugerem que há apenas mais atraso do que ausência de supressão por esses sujeitos.

Na escolha do embasamento teórico quanto ao processamento de metáforas, optou-se pela Teoria da inclusão de classe (GLUCKSBERG, 2001) que defende que as metáforas são entendidas diretamente como asserções categoriais. As asserções categoriais do tipo ‘X é um P’ significam que o tópico da metáfora é um elemento do conjunto formado por ‘P’. Na metáfora, “minha sogra é uma cobra”, o termo ‘sogra’ pertence à classe das cobras (sentido metafórico). Para chegar a essa interpretação, o modelo da inclusão de classe apresenta dois componentes para realizar o cálculo de como são selecionadas as propriedades salientes do veículo que são atribuídas ao tópico: o componente representacional e o componente de processamento.

O componente representacional da metáfora pressupõe uma função de referência dual do veículo da metáfora. A referência dual apresenta dois níveis de representação: no nível básico concreto, o termo ‘cobra’ denota uma espécie de réptil, serpente, coberta de escamas, é ovíparo, tem presas, etc.; no nível abstrato, o termo ‘cobra’ nomeia uma classe superordenada metafórica (*ad hoc*) que mantém as propriedades essenciais de cobra como perigosa, traiçoeira, má.

O componente de processamento são os diferentes papéis atribuídos ao tópico e ao veículo no uso interativo para a compreensão da metáfora. Moura (2005) apresenta uma proposta complementar a teoria de Glucksberg. Ele defende que a interação entre tópico e veículo é regida também por tipos combinatórios de natureza lexical. Por exemplo, na metáfora “Meu computador é temperamental”, tem-se como tópico um artefato e como veículo uma propriedade humana. Ele propõe que com este tipo de combinação a dimensão relevante para o tópico é a forma de funcionamento do artefato. Moura sugere que a identificação de tipos de combinação entre tópicos e veículos nas expressões metafóricas levaria a interpretações específicas para cada tipo. Isso possibilitaria uma generalização sobre várias combinações metafóricas entre diferentes palavras, permitindo explicar por que apenas certas dimensões relevantes do tópico são selecionadas, enquanto outras são descartadas, em usos metafóricos específicos.

3 EMBASAMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa foi conduzida com uma amostra de 15 participantes, com idade entre 42 e 55 anos e escolaridade mínima de oito anos, divididos em dois grupos: grupo A, composto por 10 pessoas normais destras, e o grupo B, constituído de cinco pessoas destras com o hemisfério direito lesionado na artéria cerebral média direita.

Os participantes foram selecionados com base em questionário de anamnese. Esse procedimento visou verificar a presença ou não de distúrbios de saúde, tais como deficiências auditivas e/ou visuais não corrigidas, dificuldades de memória e depressão. Além disso, aplicou-se miniteste mental para avaliar as habilidades cognitivas – *Mini Mental State* de Folstein, Folstein e McHugh (1975).

Os participantes com lesão no hemisfério direito eram pacientes do Hospital Municipal São José, da cidade de Joinville, vítimas de Acidente Vascular Cerebral (AVC) na artéria cerebral média direita. Na época da coleta de dados, janeiro de 2006, eles tinham sofrido AVC no mínimo há dois meses e no máximo há oito, com diagnóstico baseado nas técnicas da neuroimagem e avaliação neurológica.⁵

Catorze frases metafóricas com relativo grau de convencionalidade, formadas por quatro ou cinco palavras, foram selecionadas para fazerem parte dos instrumentos a serem aplicados na pesquisa. Todas elas obedeciam aos critérios de combinação dos tipos semânticos que aparecem na posição de tópico e veículo, seguindo a proposta de Moura (2005). Para a escolha dessas combinações, verificou-se, a partir de um pré-teste realizado com trinta pessoas que não participaram do experimento, com qual frequência a sentença metafórica poderia ser combinada com algumas explicações preestabelecidas. Os participantes pontuaram as combinações numa escala que variava de 1 (nunca) a 5 (muito freqüente). Apenas as que foram julgadas como muito freqüentes serviram como base de acerto nas tarefas pedidas. Todas as metáforas eram do tipo “X é Y”, como mostra o quadro 1.

Os instrumentos da pesquisa foram compostos de três testes. O Teste 1 consistia num teste de compreensão aberta de metáforas. O

⁵ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Municipal São José da cidade de Joinville, Santa Catarina.

Teste 2, no de compreensão de metáforas segundo opções oferecidas e o Teste 3, de compreensão de metáforas, tempo de resposta e campo visual.

Duas tarefas de compreensão de metáfora foram criadas tomando-se como base o subteste *Metaphor Comprehension Task* da *Montreal Evaluation of Communications Scale* (MEC), de Côte *et al.* (2004).

O objetivo das tarefas produzidas nos testes 1, 2 e 3 era avaliar o entendimento dos participantes quanto a sentenças metafóricas.

No teste de compreensão aberta de metáforas, a atividade de compreensão foi aberta e não controlada.

A. Tópico (Instituição/lugar) → Veículo (Instituição/ Lugar)	
1. Essa universidade é um hospício.	3. Minha cidade é uma Disneylândia.
2. Minha casa é um hotel.	4. Meu trabalho é uma prisão.
B. Tópico (Artefato) → Veículo (Propriedade humana)	
5. Meu computador é temperamental.	
C. Tópico (Ser humano) → Veículo (Propriedade de substância)	
6. Pedro é um rapaz azedo.	7. Ricardo é um rapaz doce.
D. Tópico (Ser humano) → Veículo (propriedade ou nome de artefato)	
8. Marta é um foguete.	12. Paulo é uma mala.
9. Essa mulher é turbinada.	13. Paulo é um trator.
10. Carla é uma mulher multimídia.	14. Maria é um robô.
11. Minha prima é uma geladeira.	

Quadro 1 – Metáforas selecionadas para a pesquisa.

No Teste 2, de compreensão de metáforas segundo opções oferecidas, a atividade de compreensão foi pré-delineada e aos participantes cabia tão-somente escolher uma das opções oferecidas. As opções oferecidas eram compostas de três frases explicativas e cada uma delas atribuía um sentido diferente a metáfora testada, uma representava a explicação metafórica, outra representava a explicação literal e uma

terceira, o distrator, ora representava uma explicação literal falsa ora uma explicação metafórica menos convencional.

O Teste 3 consistiu num teste de compreensão de metáforas, com registro de tempo de resposta e campo visual. Utilizando-se o computador como veículo de aplicação, optou-se pela técnica do meio campo visual dividido. As sentenças metafóricas eram apresentadas no centro da tela e, em seguida, o início de uma frase explicativa era mostrado. A frase explicativa estava incompleta e deveria ser preenchida com os significados licenciados e não licenciados pela interação entre tópico e veículo sugeridos ora no campo visual direito ora no campo visual esquerdo. Entre a frase explicativa e cada uma das palavras apresentadas para completá-la, aparecia um símbolo (cruz) no centro da tela. Os participantes decidiram a plausibilidade das combinações metafóricas com seus significados. O foco de interesse foi o campo visual dividido, o tempo de reação e número de acertos.

4 RESULTADOS

Os testes estatísticos realizados com os dados coletados das três tarefas de compreensão de metáforas seguiram duas análises distintas: uma em que se observou o desempenho de cada participante frente ao total de metáforas, e a outra em que se observou o desempenho de cada participante metáfora a metáfora.

Inicialmente foi feita uma análise descritiva dos dados em forma de tabelas de médias e desvio padrão para as variáveis de desempenho da amostra, considerando-se primeiramente o total de metáforas (primeira análise) e, em seguida, cada uma delas, individualmente (segunda análise).

Para a comparação entre os três testes em relação ao escore total obtido em cada tarefa na primeira análise, foi utilizado um teste *t*. Para a segunda análise, metáfora a metáfora, processou-se o teste não-paramétrico binomial. Considerou-se um intervalo de confiança para a diferença das médias de 95% e um nível de significância inferior a 0,05 para que as diferenças fossem tomadas como significativas. Foi promovida uma comparação entre grupos, através do teste *t* de diferenças para amostras independentes e o teste exato de Fischer. Além dessa comparação entre grupos, foi proposta uma comparação entre os

desempenhos nas diferentes modalidades da tarefa do teste 3 por grupo, através do teste *t* para amostras pareadas.

As tarefas aplicadas neste estudo, de um modo geral, demonstraram que sujeitos com lesão no hemisfério direito, em específico na artéria cerebral média, interpretam metáforas. Eles responderam de maneira eficiente à Tarefa 1, compreensão aberta de metáforas, demonstrando que conseguem ir além do significado literal de uma sentença. Os Testes 2 e 3, que apresentavam escolha forçada, apresentaram diferenças significativas para algumas das metáforas testadas, mas isso não sugere que a lesão indica um déficit lingüístico como podemos observar no seguinte exemplo: a metáfora “Paulo é um trator” trazia as seguintes opções: a) Ele é agressivo com as pessoas; b) Ele derruba árvores na fazenda; c) Ele pesa duas toneladas. Os lesionados atribuíram ao tópico a significação de “pessoa forte” (explicação dada no Teste 1), que não deixa de ser uma resposta possível, mas que não era exemplificada por nenhuma das alternativas apresentadas. Portanto, nem a resposta adequada “a”, nem qualquer uma das outras foram aceitas pelos participantes com lesão. Parece que o baixo desempenho desses sujeitos com relação a compreensão de certas metáforas testadas não estava na sua capacidade ou não de interpretação, mas sim nas particularidades metodológicas do teste aplicado em relação as opções oferecidas como respostas.

Como já abordado por Rinaldi, Marangolo e Baldassarri (2002) e Winner e Gardner (1977), verificou-se nesta pesquisa um desempenho satisfatório dos sujeitos com lesão no hemisfério direito nas explicações verbais de sentenças metafóricas. Percebe-se que eles não apresentam déficit significativo em tarefas de compreensão aberta de metáforas. O problema surge quando há necessidade de associar significados, reconhecendo acepções menos frequentes de palavras ambíguas (BROWNELL *et al.*, 1984, 1990; GAGNON *et al.*, 2003), como constatado nas Tarefas 2 e 3. O conhecimento pessoal, geral e lingüístico destes sujeitos parece conduzir suas inferências e bloquear outras associações possíveis, fazendo com que eles não aceitem possíveis interpretações alternativas. Este é um ponto importantíssimo a ser considerado quando requisitada a interpretação de expressões metafóricas por esses sujeitos, antes de categorizar o seu desempenho na compreensão da linguagem figurada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os resultados apresentados não permitam realizar conclusões definitivas, alguns pontos merecem ser destacados:

- a) a compreensão de metáforas não é abolida totalmente nos sujeitos com hemisfério direito lesionado, visto que a maioria de suas respostas nos três testes foi correta;
- b) o déficit na compreensão de metáforas foi fortemente dependente dos estímulos apresentados. Os sujeitos lesionados foram prejudicados quando em face do material com estímulo de escolha forçada (Teste 2 e 3);
- c) para explicar a dissociação no desempenho dos Testes 2 e 3, hipotetiza-se que sujeitos com lesão no hemisfério direito apresentam um déficit na integração da informação quando esta é associada a opções significativas preestabelecidas. Se essa proposição estiver correta, a dificuldade dos sujeitos com hemisfério direito lesionado deve afetar toda a tarefa que requer a integração de associações em testes de escolha forçada, não sendo assim específica à metáfora. Estudos futuros que possam promover a investigação desta questão poderão ajudar a esclarecer por que os estudos que pesquisam a mesma habilidade cognitiva alcançam, às vezes, conclusões divergentes.

REFERÊNCIAS

BOTTINI, G. *et al.* The role of the right hemisphere in the interpretation of figurative aspects of language: a positron emission tomography activation study. **Brain**, v. 117, n. 6, p. 1241-1253, 1994.

BROWNELL, H. H. *et al.* Sensitivity to lexical denotation and connotation in brain damaged patients: a double dissociation? **Brain and language**, v. 22, n. 2, p. 253-265, 1984.

_____ *et al.* Appreciation of metaphoric alternative word meanings by left and right brain-damaged patients. **Neuropsychologia**, v. 28, n. 6, p. 375-383, 1990.

_____; MARTINO, G. Deficits in inference and social cognition: the effects of right hemisphere brain damage on discourse. In: BEEMAN, M.;

CHIARELLO, C. (Eds.). **Right hemisphere language comprehension: perspectives from cognitive neuroscience**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 309-328.

CÔTE, H. *et al.* **Protocole MEC**: protocole Montréal d'Évaluation de la Communication. Isbergues: Ortho edition, 2004.

FOLSTEIN, M. F.; FOLSTEIN, S. E.; MCHUGH, P. R. Mini mental state: a practical method for grading the cognitive for patients for the clinician. **Journal of psychiatric research**, v. **12**, n. 3, p. 189-198, 1975.

GAGNON, L. *et al.* Processing of metaphoric and non-metaphoric alternative meaning of words after right-and left-hemispheric lesion. **Brain and Language**, v. **87**, n. 2, p. 217-226, 2003.

GARDNER, H.; DENES, G. Connotative judgments by aphasic patients on a pictorial adaptation of the semantic differential. **Cortex**, v. **9**, n. 2, p. 183-196, 1973.

GLUCKSBERG, S. **Understanding figurative language: from metaphors to idioms**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

JOANETTE, Y.; GOULET, P.; HANNEQUIN, D. **Right hemisphere and verbal communication**. New York: Spring-Verlog, 1990.

MOURA, H. M. M. Metáfora: das palavras aos conceitos. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. **40**, n. 139, p. 20-50. 2005.

RINALDI, M. C.; MARANGOLO, P.; BALDASSARRI, F. Metaphor comprehension in right brain-damaged subjects with visuo-verbal and verbal material: a dissociation (re)considered. **Cortex**, v. **38**, n. 5, p. 903-907. 2002.

TOMPKINS, C. A.; BAUMGAERTNER, A.; LEHMAN, M. T.; WILTRUD, F. Mechanisms of discourse comprehension impairment after right hemisphere brain damage: suppression in lexical ambiguity resolution. **Journal of speech, language and research**, v. **43**, p. 63-78, 2000.

VAN LANCKER, D.R.; KEMPLER, D. Comprehension of familiar phrases by left- but not right-hemisphere damaged patients. **Brain and language**, v. **32**, p. 265-277, 1987.

WINNER, E.; GARDNER, H. The comprehension of metaphor in brain damaged patients. **Brain**, v. **100**, n. 4, p. 717-729, 1977.

Recebido em 03/05/07. Aprovado em 15/09/07.

Title: The understanding of metaphors by individuals with right hemisphere brain damage: an investigation to be (re)considered

Author: Sônia Regina Victorino Fachini

Abstract: Clinical observations of patients with damage on the right brain hemisphere show that in spite of having their linguistic abilities preserved, they prefer to stress literal interpretations, rejecting metaphoric ones. The present article presents the results of an empirical study carried out with normal right-handed individuals and right-handed individuals with right hemisphere brain damage – specifically the median brain artery – observed in three stages of understanding of metaphors. The data collected reveal some tendencies that diverge from the literature, since no significant differences were found between the two tested groups.

Keywords: cognitive processing; metaphor; metaphoric meaning; right brain hemisphere.

Titre: La compréhension des métaphores par des porteurs de lésion dans l'hémisphère droit: une investigation à être (re)considérée

Auteur: Sônia Regina Victorino Fachini

Résumé: Des observations cliniques réalisées chez des patients ayant l'hémisphère droit lésé démontrent que, malgré le fait de présenter des habilités linguistiques préservées, ils ont des préférences à signaler des interprétations littérales, refusant les implications métaphoriques. Cet article présente le résultat d'une étude empirique réalisée avec des sujets droitiers normaux et des sujets droitiers porteurs de lésion dans l'hémisphère droit, spécifiquement dans l'artère moyenne cérébrale, dans trois tâches de compréhension de métaphores. Les données recueillies ont fait ressortir quelques tendances divergentes de la littérature, puisqu'on n'a pas rencontré des différences significatives parmi les deux populations mises à l'épreuve.

Mots-clés: procédé cognitif; métaphore; sens métaphorique; hémisphère droit.

Título: La comprensión de metáforas por portadores de lesión en el hemisferio derecho: una investigación a ser (re)considerada

Autor: Sônia Regina Victorino Fachini

Resumen: Observaciones clínicas de pacientes con hemisferio derecho lesionado muestran que, a pesar de presentar preservadas sus habilidades lingüísticas, ellos poseen preferencias en señalar las interpretaciones literales, rechazando las implicaciones metafóricas. Este artículo presenta el resultado de un estudio empírico realizado con sujetos diestros normales y sujetos diestros portadores de lesión en el hemisferio derecho, en especial en la arteria media cerebral, en tres tareas de comprensión de metáforas. Los datos recolectados revelaron algunas tendencias divergentes de la literatura, pues no fueron encontradas diferencias significativas entre las dos poblaciones testadas.

Palabras-clave: procesamiento cognitivo; metáfora; sentido metafórico; hemisferio derecho.